

SOBRESCRITO A UM POEMA POR VIR*

Erick Gontijo Costa
UFMG / Casa Freud

RESUMO

Este texto é um estudo sobre a escrita de Maria Gabriela Llansol; uma reflexão fundamentada na teoria de Maurice Blanchot a respeito da experiência da escrita; um relato de uma oficina de criação literária com pacientes de um centro psiquiátrico, Casa Freud, e contém algumas reflexões sobre essa experiência. Essa oficina foi idealizada a partir da escrita de Maria Gabriela Llansol.

PALAVRAS-CHAVE

oficina de letras, escrita, psicose, melancolia,
Maria Gabriela Llansol, Maurice Blanchot

“Que outra coisa se pode dizer do poema? Que forma mais eficaz e directa de o apresentar? Dirá _____”

Maria Gabriela Llansol

O IMPOSSÍVEL DA ESCRITA

“A experiência. É a experiência da loucura.”¹ Assim se inicia um texto de Eduardo Vidal, impactado pelo texto de Maria Gabriela Llansol. Assim se abre também este escrito: sob o impacto da experiência da escrita com a loucura. Três encontros se apresentam aqui: com o livro *Hölder, de Hölderlin*, de Llansol – ele mesmo um encontro entre a escrita, a loucura e o nascimento de um poema; com a loucura desvestida de qualquer beleza, em uma oficina literária em andamento em um centro de atenção psiquiátrica (Casa Freud);² a própria experiência da escrita, o encontro com o impossível.

* Texto apresentado no Colóquio LIPSI: Literatura e Psicanálise: o E da questão, dia 6/9/2003, na mesa redonda *Literatura e psicose*.

¹ Texto estabelecido por Vania Baeta, a partir de conferência apresentada por Eduardo Vidal no “I Colóquio Internacional – Maria Gabriela Llansol e a Escrita Contemporânea: Este é o jardim que o pensamento permite”. (no prelo)

² CASTELLO BRANCO, Lucia. “Chão de letras – Maria Gabriela Llansol e a fundação da escrita”. COSTA, Erick e BAETA, Vania. Pesquisa em andamento, vinculada à Faculdade de Letras da UFMG, investiga os conceitos llansolianos que permeiam sua escrita, destacando-se, aí, uma certa direção de cura apontada por este texto. Na oficina, não se busca exatamente a aplicação desses conceitos, mas pensá-los nessa particular experiência de escrita.

Diante da loucura, qualquer espécie de saber pré-estabelecido encontrará seus limites. Nesse limiar com o desconhecido, o saber em seu contínuo fracasso ensinará como lidar com o limite. Vivenciar a loucura, território do apagamento, e de lá retornar, exige alguma forma de ancoragem, a qual, aqui, se faz por escrito. Mas a escrita é território vacilante, fluido, um fio tênue em que “alguém fala e entretanto ninguém fala”.³ Não há garantias nessa travessia. Quem, de alguma maneira, vivencia a loucura, sente-se impulsionado a deixá-la passar – livrar-se. Escrever. Fala-se do impossível. Experiência angustiante que exige passagem.

A essa necessidade respondem também aqueles que são submetidos ao que Blanchot denominou *exigência da obra*, essa estranha “exaltação antagonista”, “violência indistinta tendendo a abrir-se e tendendo a fechar-se”.⁴ Não nos encontramos em território onde qualquer clareza seja possível, pois fala-se da aparentemente paradoxal “obra como começo e a origem a partir de que não há jamais obra”.⁵ Fala-se de uma certa experiência de alguns escritores, de difícil, talvez impossível abordagem, mas da qual, entretanto, sabem aqueles que a vivenciam. Muito próximo da loucura, está o nome do que não se pronuncia. A poesia, talvez.

A essa exigência, Llansol responde em *Hölder, de Hölderlin*: “tudo principiava pelo som – o som de fazer o último poema.”⁶ Assim escreve aquela que também diz: “E eu nasci na seqüência de um ritmo”.⁷ Neste texto de Llansol, um *poema-poente*, um *redemoinho-poema*, ou, nas palavras de Blanchot, “poema em quem o poema está como por vir, em que está erigida a promessa, a decisão de um começo”,⁸ *um poema por vir*, poder-se-ia dizer, lê-se o impossível: a loucura do poeta Hölderlin, o nascimento de um poema, a oracular palavra começante de que fala Blanchot em *A besta de Lascaux*. O texto, que atravessa o ligeiro e invisível instante da criação de um poema, que escreve “um lugar sem criaturas humanas”,⁹ indica, com o silêncio do oráculo que nada comunica, a direção tomada por aquele que se perdeu na travessia da escrita, na absurda literalidade de sua palavra vermelha: “tinha nas mãos uma porção de excremento humano, que tentava moldar numa *superfície de poema*; mas a angústia, de modo imerecido, fazia-o saber que a loucura era a mente estar com o poema e o corpo ausente.”¹⁰

Em uma entrevista concedida a João Mendes, dizendo daqueles de sua linhagem que se perderam na travessia da escrita, Llansol acrescenta: “Rilke não conseguiu entrar com o seu corpo no poema”.¹¹ Aí lê-se a loucura. Aí se lê também uma direção de cura. A cisão entre a mente e o corpo, no poema, tornar-se-á a de-cisão da escrita do corpo. Llansol,

³ BLANCHOT. *A besta de Lascaux*, p. 6.

⁴ BLANCHOT. *A besta de Lascaux*, p. 22-23.

⁵ BLANCHOT. *A besta de Lascaux*, p. 23.

⁶ LLANSOL. *Hölder, de Hölderlin*, p. 8.

⁷ LLANSOL. *Onde vais drama-poesia?*, p. 5.

⁸ BLANCHOT. *A besta de Lascaux*, p. 17.

⁹ LLANSOL. *Hölder, de Hölderlin*, p. 28.

¹⁰ LLANSOL. *Hölder, de Hölderlin*, p. 28.

¹¹ Entrevista concedida a João Mendes, por Llansol, p. 14.

em uma carta, escreve-me: “em meu percurso sempre estiveram presentes dois desejos: escrever, curar.”¹²

Consultando os dicionários, lemos algumas definições de curar: recobramento da saúde, processo de secagem ou purificação de certos alimentos. Se pensarmos na cura de um queijo, por exemplo, que passa pelo processo de secagem, de decantação, poderemos fazer uma aproximação com o processo da escrita. O que poder-se-ia dizer de uma cura da escrita? Escrever pede que se deixe o texto descansar, respirar, decantar, restar. E, então, ele seguirá o seu próprio destino. O escrito indicará a sua própria direção.

Isso se vê em uma oficina, ou na experiência da escrita, em que os textos tomam direções muitas vezes imprevistas ou mesmo se antecipam, chegam a destinos além do planejado por aqueles que os escrevem. Antecipam-se, precipitam-se. Dessa passividade do escritor no processo da escrita, sabe Llansol:

E eu nasci na seqüência de um ritmo. Eu nasci para acompanhar a voz, fazê-la percorrer um caminho. De um lado a outro do percurso, não sei o que existe, o caminho caminha, eu deslumbro-me quando o tempo se suspende, e me permite parar a contemplar o espaço sem tempo. Como, de resto, é evidente, não tive intenção de conceber-me.¹³

Esse é o momento em que o poeta, desconhecido, diz: “a voz me transforma num poema sem eu”.¹⁴ Neutro.

Pensemos em um campo em que a escrita é a da condensação, por excelência: o poema. Derrida, em *Che cos'è la poesia?*, escreve a respeito do *dom do poema*: “num único algarismo, o poema (aprendê-lo de cor) sela justamente o sentido e a letra, como um ritmo espaçando o tempo”.¹⁵

A direção de cura, de decantação, é também a direção de certas escritas poéticas. O resultado, algumas vezes, precipita-se diante de nossos olhos, não sem dor e trabalho.

Houve vezes em que se escreveram poemas na oficina à maneira do calígrafo que, prendendo a respiração, traça num só gesto o seu desenho. Disso sabem aqueles que têm alguma experiência com a escrita: “um traço amplo e veloz a captar o poema que passa rápido”.¹⁶ Um poema se precipita na medida “de um passo firme que sintetiza o caminho traçado”.¹⁷ Ninguém presencia todo o processo da criação. A cura não se dá apenas diante dos olhos, embora se veja seus efeitos, por exemplo, em uma oficina.

“As imagens não obedecem à lógica consciente do poeta. Captam apenas o desejo do poema”.¹⁸ Deseja-se escrever um poema. O poema deseja ser escrito. As imagens se agrupam, convocadas por um desejo – o da obra, o de um nome próprio? – e concebem-se, um por um, poemas. “Tudo é tão ligeiro que cairá sem se ver”.¹⁹

¹² COSTA. Arquivo pessoal. Carta de Maria Gabriela Llansol.

¹³ LLANSOL. *Onde vais drama-poesia?*, p. 5.

¹⁴ LLANSOL. *Onde vais drama-poesia?*, p. 7.

¹⁵ DERRIDA. *Che cos'è la poesia?*, p. 3.

¹⁶ LLANSOL. *Onde vais drama-poesia?*, p. 9.

¹⁷ LLANSOL. *Onde vais drama-poesia?*, p. 10.

¹⁸ LLANSOL. *Onde vais drama-poesia?*, p. 25.

¹⁹ LLANSOL. *Hölder, de Hölderlin*, p. 16.

A ESCRITA DO IMPOSSÍVEL

A partir da leitura de Blanchot, em “A literatura e o direito à morte”, podemos pensar na posição do escritor e sua relação com as palavras e as coisas, porém sob uma ótica atípica no campo das letras. A direção de cura, mencionada a respeito do texto de Llansol, parece fazer-se, de alguma forma, presente no texto blanchotiano. “Seguremos, portanto, as palavras sem retornar às coisas, não as soltemos, não as tomemos como doentes. Então ficaremos tranqüilos”.²⁰ E ainda: “Onde reside então minha esperança de alcançar o que rejeito? Na materialidade da linguagem, no fato de que as palavras também são coisas, uma natureza, o que me é dado e me dá mais que compreendo.”²¹ Por isso, o poema “passa como expressão de uma alegria pura”.²²

“A loucura era a mente estar com o poema e o corpo ausente”, escreve Llansol. Direção de cura: escrever com o corpo. Respiração. Ritmo. Traços. O corpo da escrita. O corpo da letra. As palavras sem as coisas. As palavras também são coisas. A coisa das palavras. A decisão, o corte do poema: de uma escrita melancólica – o olhar de Orfeu que se vira para trás e perde o seu amor – à escrita da alegria: “não as tomemos como doentes [as palavras]. Então ficaremos tranqüilos”.²³ Abrir-se à escrita do poema e à escuta de seu silêncio, sem maiores exaltações. Então “um mais-saber há de subir à voz”.²⁴ O que me é dado e me dá mais do que compreendo: “Tinha pavores que apagava a falar, agarrando-me aos sons e às palavras da minha língua”.²⁵

A TAREFA DO ESCRIBA

Na oficina de letras, busca-se alguma cura. Mas quem busca é a própria escrita. Nem todos são tocados por ela, nem todos sentem a necessidade, o imperativo de escrever.

Por cura entende-se não uma superação de um suposto mal (escrever não é medicamento, nem tampouco terapia), mas uma certa elaboração, um certo trato com a escrita. Curar, condensar, amarrar a mente ao corpo que escreve. Isso não se pode prescrever. “Nem todo louco é artista”,²⁶ escreve Cinara Araújo, em “O suporte de papel”. Mas, mesmo àqueles que não são escritores, a oficina poderá servir, desde que se pense que “cada sujeito é um artista, no sentido de encontrar uma suplência”.²⁷

“Na psicose há um saber que toma as rédeas, que se impõe.”²⁸ Saber estrangeiro que se diz em uma estranha língua esquecida. Não seriam o esquecimento e a estranheza um

²⁰ BLANCHOT. *A parte do fogo*, p. 313.

²¹ BLANCHOT. *A parte do fogo*, p. 315.

²² LLANSOL. *Onde vais drama-poesia?*, p. 9.

²³ BLANCHOT. *A literatura e o direito a morte*, p. 313. In: *A parte do fogo*.

²⁴ LLANSOL. *Onde vais drama-poesia?*, p. 8.

²⁵ LLANSOL. *Causa amante*, p. 76.

²⁶ ARAÚJO. *O suporte de papel*. In: *Asa-Palavra*. p. 3.

²⁷ BECKER. Citação extraída de uma palestra ministrada no Aleph, escola de Psicanálise.

²⁸ Idem.

bom começo para a escrita? Diante disso, resta ao coordenador da oficina a tarefa de escreva, daquele que valida esse saber e abre caminho para que ele se escreva. Por isso os caminhos, as direções da escrita (e da cura, portanto) dar-se-ão à revelia do coordenador e, muitas vezes, mesmo daquele que escreve. Assim o escrito segue seu próprio caminho. Resta também a esse estranho escreva a tarefa de secretariar a delicada escolha do que se lerá, pois a “leitura é sopro de vida”.²⁹

Frente aos textos produzidos nas oficinas, restará, por fim, “acolher profundamente a diferença”³⁰ desses textos, muitas vezes estrangeiros a qualquer língua, porém sem acomodá-los: recebê-los em sua estranheza, em sua resistência à leitura, que, no entanto, pede para ser lida, validada, já que foi escrita.

SOBRESCRITAR

O destino único desses textos: que sejam guardados em sua língua original, eternamente estranha, anterior e paradoxalmente de essência sempre futura.

Deixar as palavras, simplesmente. Esperar por elas, em silente vigília, pois elas, com certeza, virão. Palavras silenciosas. Prometer um poema jamais escrito. Um impossível poema por vir. Deixar que as palavras ultrapassem-nos, infinitamente. Assim escreve J., para quem “as palavras são coisas vivas”, “entes que comigo dialogam”:

Silente vigília,
noturna injúria,
faço-me, refaço-me;
Eu, viajante noturno,
não ousou contemplar o céu:
Diálogo mudo, signos soltos,
não lhes dou abrigo, deixo-os
simplesmente

M. Solidão daquele que poucas vezes compareceu à oficina, mas deixou marcas definitivas por meio de seus textos:

Artefato
Orgulhosamente ou animadamente
Não me tiraram da privacidade
Do planejamento e entretenimento
Para fazer palavras
Em todos os meus sentidos
Ocupados de proferimentos.

E ainda M., fazendo ouvir o “silêncio nu do pensamento”, o “murmúrio em que nada se deixa ouvir”. O dizer dos ventos, sopro apenas:

²⁹ LLANSOL. *Amar um cão*, p. 12.

³⁰ COSTA. Arquivo pessoal. Carta de Maria Gabriela Llansol.

Diziam os ventos

O vizinho, meu compatriota de forças,
longe da minha aurora pseudo celomática.
A gaiola da amora de perna penha, asiática,
dos meus olhos de Eusrim,
que buscam uma esquina alvéolo
do meu ouro esquimático do teto da casa,
colado às madeiras íntegras da tripa,
sem asma de um coração duro para estrutura das chamas
formuladas do gás das escrituras.
Se a caixa do castelo me levasse ao cartório,
à perna da amora e à goiaba da penha,
se extinguiriam as minhas boas palavras e maus-tratos,
a sutil esperança dos meus familiares.

“Para o poema é inconcebível não haver um corpo humano que o não suporte.”³¹
Diante desses textos, acolher o silêncio que suportam, fazendo silêncio à sua volta como
forma de suportá-los. Assim se comportar o escriba.

ASSIM SE COMPORTAR O ESCRIBA: A LÍNGUA DE HÖLDER

“Na casa seguinte, Myriam teve um pequeno almoço nostálgico em face da língua de Hölder, nome que lhe daria para o futuro, e que anunciava, com a tristeza alegre que fazia, o prelúdio de uma nova intimidade: “Tereis uma intimidade bíblica”.”³²

Poder-se-ia dizer que toda a reflexão deste texto se condensa neste trecho de *Hölder, de Hölderlin*. E condensar, como foi dito, é tarefa do poema. Hölder, aparente raiz de um nome próprio: Hölderlin. Raiz que não se escreveu na vida deste poeta: “que deleite eu não havia de sentir por ser carvalho!”³³ diz Hölderlin, no poema “Os carvalhos”. Não. Não se escreveu a raiz deste nome. Hölderlin se perdeu na busca da língua da raiz de um nome, nome de um homem que buscou apagar-se sendo um carvalho. A loucura, território do apagamento.

Então, Myriam, não à toa uma mulher que contém o anagrama de Maria em seu nome, é aquela que anuncia com *tristeza alegre* – a vida carregada por uma morte – uma futura língua: “Tereis uma intimidade bíblica”. A língua de Hölder: língua por vir, o próprio poema por vir que se faz livro. Uma nova língua, o prelúdio de uma nova intimidade. Com a palavra, com sua dura matéria, acrescentaríamos.

E é nessa língua vegetal – “clorofila – a primeira matéria do poema”,³⁴ como assinala Llansol –, que se escreve o impossível: a *língua de Hölder*, tristeza alegre de um poema por vir. Hölderlin: “em alemão, significa *pequeno sabugueiro*. Na tradição de várias regiões da Alemanha, o sabugueiro é considerado a árvore da vida ou a árvore em que mora o espírito

³¹ LLANSOL. *Onde vais drama-poesia?*, p. 9.

³² LLANSOL. *Hölder, de Hölderlin*, p. 29.

³³ HÖLDERLIN. *Diotima*, p. 22

³⁴ LLANSOL. *Onde vais drama-poesia?*, p. 5.

do destino”.³⁵ Na raiz do nome, na raiz da língua, a vida e seu destino. Direção de cura: o destino e a vida enraizados ao irredutível da Língua: um nome próprio.

DIANTE DA VIDA A MORTE QUE RESTA

Para alguns, a escrita fará suplência: “o modo de segurar a vida que me chama”,³⁶ diz-me Llansol. “Escrever para mim é visceralidade”, diz-me J. Sabemos que, para que isso se dê, é necessário trabalhar a dura matéria. Mover a língua do lugar da melancolia. Aquele que se ancora na escrita e dela espera alguma salvação, “sabendo-se morto, luta em vão para morrer”; mas “a morte está longe, o grande castelo que não podemos alcançar, e a vida já está longe, a terra natal que deixamos por uma falsa chamada; agora só resta lutar, trabalhar para morrer completamente, mas lutar é ainda viver, e tudo o que aproxima da meta torna a meta inacessível”.³⁷

A cura e a alegria buscadas no processo da escrita parecem não se dissociar da morte que acompanha a palavra como sua condição. “A vida carrega a morte e se mantém na própria morte”.³⁸ A vida da palavra, ela só, sustenta-se na morte, que nunca a consumirá por completo. O silêncio ainda diz algo: que nada diz. A alegria é o que resta diante da morte que não cessa jamais: uma vida restante a se escrever, uma sobrevida da palavra. A ressurreição nunca finalizada, pois morrer é impossível. Ressurreição da palavra a atingir-se na solidão, no silêncio da dura matéria: “Dar a vida não chega, não é um acorde consonante com a substância. Ressuscitar, sim, é o acorde perfeito.”³⁹ Diante da morte, a vida que resta.



RÉSUMÉ

ce texte est une étude de l'écriture de Maria Gabriela Llansol; une réflexion appuyée sur la théorie de Maurice Blanchot à propos de l'expérience de l'écriture elle-même; un rapport d'un atelier d'écriture littéraire avec des patients d'un centre psychiatrique, Casa Freud, et il y en a également quelques réflexions sur cet expérience. Cet atelier a été idéalisé à partir de l'écriture de Maria Gabriela Llansol.

MOTS-CLÉS

atelier d'écriture, écriture, Maria Gabriela Llansol, Maurice Blanchot

³⁵ SOARES. *Na raiz da língua de llansol: Hölder, de Hölderlin*, p. 28-29.

³⁶ COSTA. Arquivo pessoal.

³⁷ BLANCHOT. *A parte do fogo*, p. 324-325.

³⁸ BLANCHOT. *A parte do fogo*, p. 310.

³⁹ LLANSOL. *O jogo da liberdade da alma*, p. 21.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Cinara. O suporte de papel. *Asa-Palavra*, Brumadinho. N.1, p. 25-35, jan/jun 2004.
- BLANCHOT, Maurice. *La bête de Lascaux* Trad. Márcio Venício Barbosa. 1. ed. Montpellier: Fata Morgana, 1982.
- BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Trad. Ana Maria Scherer. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DERRIDA, Jacques. *Che cos'è la poesia?*. Trad. Osvaldo Manuel Silvestre. 1. ed. Coimbra, Portugal: Angelus Novus, 1992.
- MENDES, João. Entrevista concedida a João Mendes. *Público*, Portugal. n. 1786, 28 de janeiro de 1995.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Diotima*. Trad. Maria Clara Salgueiro. 1. ed. Sintra, Portugal: Colares, 1993.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Onde vais drama-poesia?*. 1. ed. Lisboa: Relógio d'água, 2000.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Hölder, de Hölderlin*. 1. ed. Sintra: Colares, 1993.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *O jogo da liberdade da alma*. Lisboa: Relógio d'água, 2000.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Amar um cão*. Sintra: Colares, 1986.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Causa amante*. A regra do jogo: Lisboa, 1984.
- SOARES, Maria de Lourdes. Na raiz da língua de Llansol: Hölder, de Hölderlin. *Letras e Letras*. Portugal. p. 28-29, 1993.